

**MEMÓRIA E ATUALIDADE NO CRUZAMENTO
DOS GÊNEROS FÁBULA E MEME: ESPAÇO
PARA A CRÍTICA NA ESFERA DA POLÍTICA**

Ellen Aurea Karolina Hetwer (UEMS)

ellenhetwer@gmail.com

Katia Valentina Escobar Gimenez (UEMS)

valentinacrams@gmail.com

Erenilda Rodrigues Gomes Stelo (UEMS)

didastelo@yahoo.com.br

Aline Saddi Chaves (UEMS)

chaves.aline@gmail.com

RESUMO

No contexto das eleições presidenciais de 2018 no Brasil, as redes sociais ganharam destaque pela ampla repercussão e compartilhamento de textos relacionados ao discurso ordinário, a exemplo dos memes, textos virais que têm entre suas estratégias e efeitos de sentido a paródia e o humor, como mecanismos de travestimento da crítica. Nesse sentido, propomos uma análise discursiva de um meme que circulou durante a campanha presidencial de 2018, na rede social *Facebook*, em que a fábula clássica de La Fontaine, “A cigarras e a formiga”, adquire outras significações, pela subversão de sua temática. Baseando este estudo na análise do discurso francesa e na perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin, trabalhamos com a hipótese de que o sentido dos textos só é possível quando relacionado a suas condições de produção, históricas e ideológicas, e aos outros discursos que os constituem e atravessam. Desse modo, a fábula clássica opera como uma cena já validada, cujos sentidos estão mais ou menos estabilizados, o que possibilita o retorno do já-dito, em um mecanismo parafrástico facilitado pela paródia. Mas, ao mesmo tempo em que o gênero fábula sustenta os sentidos do meme, trazendo à tona uma memória discursiva, ele também ocasiona os deslocamentos de sentido, necessários para compreender os discursos da atualidade.

Palavras-chave:

Fábula. Meme. Memória discursiva. Análise do discurso.

ABSTRACT

In the context of the 2018 presidential elections in Brazil, social networks gained prominence for the wide repercussion and sharing of texts related to ordinary discourse such as memes, viral texts that have parody and humor as their strategies and meaning effects, such as mechanisms of disguising criticism. In this sense, we propose a discourse analysis of a meme circulated during the 2018 presidential campaign on the Facebook social network, in which La Fontaine’s classic fable, “The cicada and the ant,” acquires other meanings, by subverting its theme. This intertextual strategy, widely studied in the literature, takes on another tone when the fable is retold in the form of a meme, which makes intergenericity one of the privileged mechanisms of criticism in the digital environment, especially in the context of political polarization

that divides opinions and ideologies in Brazil. Basing this study on the French discourse analysis and the dialogical perspective of the Bakhtin Circle, we work with the hypothesis that the meaning of texts is only possible when related to their historical and ideological conditions of production, and to the other discourses that constitute and cross them. Thus, the classical fable operates as a validated scene, whose senses are more or less stabilized, which enables the return of the already-said, in a paraphrastic mechanism facilitated by parody. However, while the fable genre sustains the meme's senses, bringing out a discursive memory, it also causes the displacements of meaning necessary to understand the discourses of today.

Keywords:

Fable. Meme. Discursive memory. French discourse analysis.

1. Introdução

Em se tratando de política, as campanhas eleitorais são realizadas seguindo diferentes formas e estratégias. Vale “quase tudo” para tentar, por meio dos mecanismos de divulgação disponíveis, convencer ou persuadir o eleitor ao voto, por intermédio das propostas dos candidatos.

Em época de eleições, os discursos ordinários também contribuem para divulgar fatos e versões sobre os partidos da corrida eleitoral. Um exemplo, na atualidade, são os memes produzidos e postos em circulação no ambiente digital, e em particular nas redes sociais, onde ocupam um grande espaço e repercussão junto ao público. Mas, diferentemente dos discursos oficiais, a exemplo da política e da imprensa, os memes buscam efeitos de sentido relacionados à paródia e ao humor, de um modo geral como forma de satirizar um partido ou candidato, influenciando indiretamente os eleitores.

No contexto das eleições presidenciais de 2018 no Brasil, as redes sociais ganharam destaque pela ampla repercussão e compartilhamento de textos relacionados ao discurso ordinário, a exemplo dos memes, como mecanismos de travestimento da crítica. O meme também se constitui em linguagem. E como tal, é possível fazer uma análise e interpretação desses mecanismos discursivos.

Neste artigo, tomamos como objeto de análise um meme que paródia a fábula “A cigarra e a formiga”, de modo a desvendar os não ditos, e entender seus reais efeitos de sentido. A esse respeito, temos como hipótese que o dialogismo intergenérico (CHAVES, 2010) estabelecido entre o meme e a fábula está assentado em um saber enciclopédico compartilhado – a fábula de La Fontaine –, constituindo, desse modo, uma cena validada na memória coletiva, ao mesmo tempo em que possibilita a e-

mergência de novos sentidos, a partir de sua (re)formulação no plano da crítica a um candidato à presidência do Brasil no ano de 2018.

Assim, propomos análise discursiva de um meme que circulou no decorrer da campanha presidencial de 2018, na rede social Facebook, em que a fábula clássica de La Fontaine, “A cigarra e a formiga”, de 1688, adquire outras significações, pela subversão de sua temática.

Essa estratégia intertextual, amplamente estudada na literatura, adquire outra tonalidade quando a fábula é recontada sob a forma de meme, o que coloca a intergenericidade como um dos mecanismos privilegiados da crítica no ambiente digital, e em especial no contexto de polarização política que divide opiniões e ideologias no Brasil desde os últimos anos, na conjuntura da presença da esquerda no governo do país durante treze anos (2003-2016).

O objetivo geral desse artigo é identificar o funcionamento da memória a partir da relação intertextual/interdiscursiva estabelecida entre o gênero discursivo meme e a fábula “A cigarra e a formiga”, analisando os efeitos de sentido deste dialogismo restrito no âmbito do discurso político.

Baseando-nos na Análise do discurso de linha francesa e na perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin, neste estudo trabalhamos com a hipótese de que o sentido dos textos só é possível quando relacionado a suas condições de produção históricas e ideológicas, e aos outros discursos que os constituem e o atravessam.

2. Referencial teórico

Esse artigo está fundamentado na Análise do discurso francesa, doravante (AD), surgida na década de 1960, tendo como precursor e também fundador o filósofo francês Michel Pêcheux. Enriquecem este quadro teórico as ideias dos estudiosos em torno do filósofo russo Mikhail Bakhtin, o chamado “Círculo de Bakhtin”.

No contexto brasileiro, Eni Orlandi (2015) é responsável por pagar a Análise do discurso, desde o final dos anos 1970. De acordo com Orlandi (2015), a AD surge nos anos 1960 como resultado da articulação de três áreas do saber: a Linguística, a História e a Psicanálise, representando uma ruptura teórica e epistemológica com o século XIX. A AD surge para refletir sobre novos instrumentos teóricos para a

análise de textos. Ela buscar pensar o que e o como o sujeito quis dizer, buscando entender como os sujeitos produzem sentido em sociedade.

Primeiramente, abordaremos o conceito de formação discursiva, formulado pelo filósofo francês Michel Foucault, que assim explica o conceito:

[...] se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (FOUCAULT, 2012, p. 47)

Reformulado na AD por Pêcheux, a formação discursiva estabelece uma relação direta com o conceito marxista de formação ideológica, trazendo um novo significado para a FD no campo da análise do discurso. Sendo assim, pode-se dizer que o sujeito é o resultado da relação existente entre história e ideologia. O sujeito, no que se refere à teoria do discurso, se constitui na relação com o outro; não sendo origem do sentido, está submetido à língua, que o precede em sua existência e o restringe em sua ilusão de controle do sentido, ao mesmo tempo em que é atravessado pela incompletude.

Ressignificando a formação discursiva, Pêcheux (2009) diz:

Formação discursiva é aquilo que numa formação ideológica dada, determina o que pode e deve ser dito. Se a mesma palavra, uma mesma expressão e uma mesma proposição podem receber sentidos diferentes, todos igualmente “evidentes” é porque vamos repetir. (PÊCHEUX, 2009, p. 160)

Sob essa perspectiva, a formação discursiva se dá através dos sentidos que produzimos, que não nascem em nós, mas que são retomados do interdiscurso, ou seja, as palavras recebem seus sentidos de formações discursivas postas em relação umas com as outras. Isto é o que constitui o efeito do interdiscurso e da memória.

Desse modo, se uma mesma palavra ou expressão pode receber sentidos diferentes, não importando qual seja a FD, é porque não tem um sentido que lhe seja próprio, isto é, um sentido literal. Na verdade, o sentido se constitui em cada FD e nas relações que as palavras utilizadas mantêm com outras palavras da mesma FD.

Foucault (1969) diz que “uma FD não é o texto ideal, contínuo, sem asperezas. É um espaço de dissensões múltiplas, um conjunto de o-

posições cujos níveis e papéis devem ser descritos”. Sob esse olhar, observemos o cartum:

Figura 1²¹⁴



À esquerda da imagem, temos uma formação discursiva em um contexto familiar, no qual o cão é muito bravo e precisa de treinamento, pois ataca qualquer pessoa. A formação discursiva apresentada é de uma família que recebe muitas visitas e não quer passar “vergonha”.

No desenho seguinte, temos outra FD, em que o dono do cão é apresentado como forte, aparentemente “cruel”; para ele, a palavra “treinamento” ganha outro sentido, o de tornar seu cão “assustador, feroz”.

Com relação à memória discursiva/textual, pensando no papel da memória, Pêcheux (2010) afirma:

A memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da ‘memória individual’, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador. (PÊCHEUX, 2010)

Para Pêcheux, a memória não deve ser entendida como “individual”, como alguma função cognitiva, mas como efeito da discursividade do simbólico, do mítico e da significação.

Davallon (2010), em seu texto “A imagem, uma arte de memória?” vem questionando se, com o aparecimento da imprensa e, portanto, o desenvolvimento dos meios de registro da imagem e do som, a memória social se situa mais na “cabeça” dos sujeitos sociais, uma vez que não seria necessária, pois estaria registrada nos arquivos das mídias. Segundo

²¹⁴ Cartum publicado no Jornal Folha de São Paulo em 14 de agosto de 2010. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=18385&anchor=5795162&origem=busca>> . Acesso em 10 de novembro de 2019.

Davallon (2010), deve-se atentar para o fato de que a memória suposta pelo discurso (implicitamente) é sempre reconstruída na enunciação.

Dessa maneira, Achard (2010) afirma que jamais será possível “localizar” explicitamente esses implícitos, sob uma forma estável e sedimentada, e logo, a repetição formaria um efeito de série de sentidos (“já ouvi isso em algum lugar”), no qual residiriam os implícitos que poderiam ser retomados.

A memória, para a AD, é um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização. A memória carrega a marca real do histórico.

Para uma melhor compreensão da memória discursiva, tomemos por exemplo o slogan “Fora Collor”, que foi amplamente reproduzido no processo que culminou em seu afastamento da Presidência do Brasil. Se dissermos “Fora Sarney, Fora Dilma”, estaremos remetendo esses enunciados a um já-dito, o bem-sucedido “Fora Collor”. Esses dizeres (fórmulas), como Fora Collor, Diretas já, Mensalão, não carregam consigo apenas suas condições de produção imediatas, mas também significam pela história. Daí a compreensão, em AD, de que os sujeitos são afetados pela língua, a despeito de si.

No que diz respeito ao conceito de interdiscurso, este é compreendido como o atravessamento de um discurso por outro(s), isto é, o já-dito. Assim, como ressalta Orlandi, “o interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra” (ORLANDI, 2015, p. 41). Sendo assim, o discurso não é nosso, alguém antes e em outro lugar já o tinha dito/falado.

Na intertextualidade, temos a união de dois termos, “inter”, sufixo de origem latina que faz referência à noção de relação, e “texto”, portanto, é correto afirmar que a intertextualidade se refere à relação entre textos. Dessa forma, observamos que o conhecimento de outros textos tem influência sobre os outros textos, como explicado nesta citação:

O termo intertextualidade faz referência à relação de dependência estrita que se estabelece, por um lado, entre os processos de produção e de recepção de um determinado texto e, por outro lado, o conhecimento prévio que tenham os participantes de uma interação comunicacional sobre outros textos anteriores que se relacionem com ele. Este conhecimento intertextual é ativado mediante um processo que pode ser descrito em termos de mediação, considerando-se que a intervenção da subjetividade do comunicador introduz no modelo mental construído

acerca da situação comunicativa suas próprias crenças e objetivos. Quanto maior o tempo empregado e mais atividades de processamento sejam realizadas para efetuar uma relação entre si e o texto atual e os textos prévios, mais elevado será o grau de mediação. (BEAUGRANDE *et al.*, 1997, p. 15)

Sobre as condições de produção do discurso, esta noção tem um lugar privilegiada na AD, na medida em que relacionam o texto ao contexto imediato e histórico do discurso. As condições de produção “compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação” (ORLANDI, 2015, p. 28).

Segundo Gadet e Hak (1997), o processo de produção do discurso é definido como “o conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de tipo dado em ‘circunstâncias’ dadas”. As “circunstâncias” de um discurso são suas condições de produção. Portanto, o processo de produção do discurso é o conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso de um tipo dado em condições de produção definidas. Nesta citação, Pêcheux explica em maiores detalhes a relação entre discurso e condições de produção:

Um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas: por exemplo, o deputado pertence a um partido político que participa do governo ou a um partido da oposição; é porta-voz de tal ou tal grupo que representa tal ou tal interesse, ou então está ‘isolado’, etc. Ele está, pois, bem ou mal, situado no interior da relação de forças existentes entre os elementos antagonistas de um campo político dado. O que diz, o que anuncia, promete ou denuncia, não tem o mesmo estatuto conforme o lugar que ele ocupa; a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa, em relação ao que diz. Um discurso pode ser um ato político direto ou um gesto vazio, para ‘dar o troco’, o que é uma outra forma de ação política. (PÊCHEUX (AAD-69), 1997, p. 77)

As condições de produção do discurso mesclam o jogo de imagens em que o sujeito está inserido, isto é, as formações imaginárias a respeito de sua própria posição e da posição do outro, e a situação concreta, que é historicamente determinada.

Quanto ao não-dito, o que está implícito em determinado objeto pode ser compreendido, pois os sentidos podem ser lidos num mesmo texto mesmo não estando ali. Entretanto, para que isso ocorra deve ser analisado tanto o que o texto diz, como o que ele não diz, ou seja, o que não é dito mas está implícito, significando. Contudo o não-dito, no texto, só pode ser plenamente acessado por meio do contexto ou condições de produção, bem como do interdiscurso, pois essas variantes são somadas

ao conhecimento de mundo do interlocutor, haja vista que o texto apresentado em dado momento carrega um sentido não explícito. Orlandi reforça a ideia do não dito, ao afirmar:

[...] o que já foi dito mas já foi esquecido tem um efeito sobre o dizer que se atualiza em uma formulação. Em outras palavras o interdiscurso determina o intradiscurso: o dizer (presentificado) se sustenta na memória (ausência) discursiva. (ORLANDI, 2015, p. 81)

3. Análises

O objeto de análise deste artigo é deflagrado na intergenericidade do meme com a fábula. O meme retoma parte dos dizeres da fábula *A cigarra e a formiga*, ao enunciar: “Era uma vez uma cigarra, que com raiva da formiga, votou no inseticida”. Assim, ressalta-se, nesta relação, um “dialogismo intergenérico”, termo cunhado por Chaves (2010) em referência ao diálogo entre dois gêneros – enunciante e enunciado, criando efeitos de sentido variados, de acordo com as condições de produção e as finalidades pragmáticas envolvidas no ato comunicacional.

Temos, assim:

Gênero enunciante (GE): *meme*

Gênero enunciado (Ge): *fábula*

Em conformidade com Araújo (2019), o termo “fábula”, originário do latim, significa “história, jogo ou narrativa”. A fábula é composta por personagens (protagonista, antagonista e coadjuvante), narrador (personagem, observador ou onisciente), foco narrativo (1ª ou 3ª pessoa), tempo (cronológico ou psicológico) e espaço (onde acontece a história). Os personagens das fábulas são antropomórficos, ou seja, animais personificados com características humanas.

A fábula “A cigarra e a formiga” foi originalmente escrita por Esopo, um escritor da Grécia antiga, com o título original “O gafanhoto e a formiga”. Anos mais tarde, houve adaptações do texto por parte de outros escritores, sendo o primeiro deles o poeta Jean de La Fontaine, que adaptou a fábula para o francês, com o título “La cigale et la fourmi”, em 1668. Além de La Fontaine, Bocage, Monteiro Lobato, José Paulo Paes, Millôr Fernandes e outros autores também readaptaram e/ou fizeram traduções/releituras desta fábula.

Vejamos a fábula na versão francesa de Jean de La Fontaine, que

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

foi publicada no livro *Les plus belles fables* (edição de 2016) e traduzida em português pelo poeta Bocage.

**La cigale et la fourmi
(La Fontaine)**

La cigale, a y antchanté
Tout l'été,
Se trouva fort dépourvue
Quand la bise fut venue:
Pas un seul petit morceau
De mouche ou de vermisseau.
Elle alla crier famine
Chez la Fourmi savoisine,
La priant de lui prêter
Quelque grain pour subsister
Jusqu'à la saison nouvelle.
«Je vous paierai, lui dit-elle,
Avant l'ôût, foi d'animal,
Intérêt et principal.»
La fourmi n'est pas prêteuse:
C'est là son moindre défaut.
«Que faisiez-vous au temps chaud?
Dit-elle à cette emprunteuse.
– Nuit et jour à tout venant
Je chantais, ne vous déplaîse.
– Vous chantiez? j'ensuis fort aise:
Eh bien! Dansez maintenant.

**A cigarra e a formiga
(Tradução de Bocage)**

Tendo a cigarra em cantigas
Folgado todo o Verão,
Achou-se em penúria extrema
Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha
Que trincasse, a tagarela
Foi valer-se da formiga,
Que morava perto dela.
Rogou-lhe que lhe emprestasse,
Pois tinha riqueza e brilho,
Algum grão com que manter-se
Té voltar o aceso Estio.

«Amiga, diz a cigarra,
Prometo, à fê d'animal,
Pagar-vos antes d'agosto
Os juros e o principal.»

A formiga nunca empresta,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Nunca dá, por isso junta.
«No Verão em que lidavas?»
À pedinte ela pergunta.

Responde a outra: «Eu cantava
Noite e dia, a toda a hora.»
«Oh! bravo!», torna a formiga.
– Cantavas? Pois dança agora!»

As interpretações clássicas da fábula “A cigarra e a formiga” a associam a valores como honestidade, solidariedade, bem como ao valor do trabalho, em contraposição a uma vida de ócio e prazeres. Como é típico do gênero discursivo fábula, a veiculação de valores morais, associados aos valores vigentes de uma dada sociedade, constitui o cerne da narrativa.

Na fábula de La Fontaine – produzida no século XVII, durante o regime monárquico na França, mais de um século antes da Revolução Francesa –, a formiga representa o povo (trabalho) e a cigarra, a aristocracia (privilégios). Ademais, a fábula traz consigo os valores da sociedade aristocrática do século XVII, época em que a noção de propriedade e acumulação de bens constituía a base das sociedades, no início do capitalismo burguês, entre o final da Idade Média e a chamada Idade Moderna.

A partir desse contexto da fábula original, é possível interpretar os efeitos de sentido do *meme*, transcrito na figura a seguir:



Como podemos observar, o clima exibido na imagem é o de inverno. Assim como na fábula, a cigarra, depois de sua longa jornada cantarolando durante o verão, retorna para sua moradia com a chegada do inverno. Não tendo trabalhado para adquirir alimentação durante o verão, a cigarra recorre à vizinha e amiga formiga, com esperanças de que ela-

fosse ajudá-la. Nesse ponto da narrativa, ocorre a subversão da fábula original, pois, não obtendo sucesso, a cigarra “vota no inseticida”, como forma de vingança.

Com relação aos elementos do gênero enunciado, constatamos alguns elementos estáveis da fábula no *meme*, como: a esfera temática, as personagens, o espaço, o estilo (“era uma vez”, verbos no pretérito – narração), e a organização textual, por meio da estrutura verbo-visual (imagem retirada de uma edição da obra de La Fontaine). E ademais, elementos subvertidos da fábula no *meme*, carregado de uma condição de produção em que o *meme*, travestido de “fábula”, circulou nas redes sociais, adquirindo viés político, no contexto das eleições presidenciais de 2018 no Brasil.

Mas, diferentemente da fábula, o *meme* subverte a sanção: na fábula, a formiga sanciona a cigarra, que vem lhe pedir abrigo, recusando qualquer ajuda. No *meme*, a cigarra se vinga da formiga, votando no “inseticida”.

Levando-se em conta as novas condições de produção da “fábula” emprestada na cenografia do *meme*, podemos associar a sanção “votar no inseticida” ao contexto da corrida eleitoral para a Presidência do Brasil, em 2018. Nesse contexto, a cigarra é associada aos eleitores do candidato da direita, Jair Bolsonaro, que, acreditando encontrar o “remédio” para os problemas do Brasil, acabam votando no próprio “veneno”. O “inseticida” representa, portanto, o candidato da direita, o que permite associar o *meme* ao discurso da esquerda, no contexto da polarização político-ideológica de 2018, que reverbera na sociedade brasileira desde então.

Por um lado, o efeito de sentido de subversão/crítica é ocasionado pelas condições de produção enunciativas e históricas do *meme*: o contexto das eleições presidenciais, e mais especificamente o crescimento do discurso da direita conservadora no cenário político brasileiro, sustentado pela rejeição da esquerda, notadamente desde os escândalos de corrupção massiva na chamada “era PT”: o “Mensalão”, em 2005, e o “Petrolão”, deflagrado pela operação Lava-Jato, da Polícia Federal, em 2014, durante o governo Dilma.

Por outro lado, o que sustenta o sentido do *meme* é o resgate de uma memória textual-discursiva, presente no imaginário da fábula clássica de La Fontaine, que funciona como uma “cena validada” (MAIN-GUENEAU, 2008), isto é, instalada na memória coletiva. Essa estratégia permite ao enunciador dizer, sem, entretanto, ter de assumir o dito, ou se-

ja, permite-lhe instalar a polêmica, sem se responsabilizar pelo que é dito, haja vista que empresta a cena enunciativa da fábula “A cigarra e a formiga”, escrita por La Fontaine no século XVII.

4. Considerações finais

O objeto de análise deste artigo, um *meme* que circulou em outubro de 2018 nas redes sociais, recupera uma memória intertextual, por meio do dialogismo intergenérico estabelecido entre uma fábula antiga de 350 anos (1668-2018), atualizando novos sentidos, agora associados ao contexto de polarização política esquerda–direita no Brasil.

O dialogismo intergenérico no discurso digital, e em particular no gênero discursivo *meme*, dá mostras da relação inequívoca dos enunciados/discursos com seus exteriores constitutivos. Assim, uma memória textual-discursiva (fábula) encontra uma atualidade (o *meme*), renovando os efeitos de sentido, ao mesmo tempo que esta memória é a condição necessária para haver sentido.

É nesse sentido que compreendemos o *meme*, ao atualizar e acionar uma memória discursiva-textual com a fábula original, relacionando suas condições de produção históricas e ideológicas, e estabelecendo uma relação entre o *meme* e seu intertexto/interdiscurso, visto que suas condições de produção situam no período das eleições presidenciais de 2018 no Brasil, o que explica seu caráter político.

Com efeito, esse não dito, relacionado ao intertexto do gênero enunciativo com a fábula “A cigarra e a formiga”, faz referência implícita ao contexto político do Brasil na período tenso que caracterizou, e continua a caracterizar, a polarização ideológica esquerda–direita.

Em síntese, a análise e interpretação do *meme* sobreveio por meio da compreensão do sentido atualizado, pela mobilização de uma memória textual-discursiva com a fábula original, relacionando suas condições de produção históricas e ideológicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADÃO. *Cartum publicado no jornal Folha de S. Paulo em 14 de agosto de 2010*. Disponível em <<http://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=18385&anchor=5795162&origem=busca>>. Acesso em 10 de agosto de

2019.

ALAOR, J. *Presidente “Memético”*. Artigos de política (Prof. J. Alaor Portal). 27 outubro 2018. Disponível em <<https://profalaor.eng.br/index.php/component/easyblog/categories/artigos-de-politica>>. Acesso em 04 de novembro de 2019.

ARAÚJO, Luciana Kuchenbecker. Fábula. In: *Brasil Escola*. Disponível em: <<https://brasilestela.uol.com.br/redacao/fabula.htm>>. Acesso em 06 de novembro de 2019.

ARAÚJO, Izaura. A cigarra e a formiga. In: *Escola educação*. Disponível em: <<https://escolaeducacao.com.br/a-cigarra-e-a-formiga/>>. Acesso em 06 de novembro de 2019.

BAKHTIN, Mikhail. *A estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BEAUGRANDE, Robert; DRESSLER, Wolfgang Ulrich. In: *Introducción a la lingüística del texto*. Barcelona: Ariel, 1997. p. 15

BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du. A cigarra e a Formiga. Tradução. Fábula. In: *La fontaine*, Jean de, 1621-95. Fábulas: antologia / La Fontaine. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

CHAVES, Aline Saddi. *Gêneros do discurso e memória: o dialogismo intergenérico no discurso publicitário*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo: 2010.

COURTINE, J. J. *Análise do Discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Paulo: Edufscar, 2009.

FONTAINE, Jean de La. *Les plus belles fables de La Fontaine*. Illustrées par Calvet-Rogniat, Gustave Doré, Benjamin Rabier, Auguste Vimar (FrenchEdition) (French) Paperback – November 12, 2016. Disponível em <https://www.amazon.com/dp/1535366125/ref=rdr_ext_tmb>. Acesso em 04 de novembro de 2019.

FOUCAULT, Michel. As formações discursivas. In: *A Arqueologia do Saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. p. 47

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

_____. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. 4. ed. Pontes, Campinas-SP, 2012.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. de Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 4. ed. Campinas-SP: Unicamp, 2009.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F. HAK, T. (Org.). *Por Uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas-SP: UNICAMP, 1997. p. 77.

PIERRE, Achard, *et al.* Trad. e intr. de José Horta Nunes. 3. ed. Campinas-SP: Pontes, 2010. Outros autores: Jean Davallon, Jean-Louis Durand, Michel Pêcheux, Eni Orlandi.